

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.

PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.	PUBLICAÇÕES	
7.º ANNO	12 mezes, com estampilha. 2\$000 12 mezes, sem estampilha 1\$600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. 3\$600 Folha avulso 10		Correspondencias partic. cada linha 40 Anuncios cada linha. 20 Repetição 10 Assignantes, 20 p. c. d'abatimento	N.º 1:010

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser remettida, franca de porte, á administração do jornal—O «Commercio do Minho», rua Nova, n.º 4.

BRAGA

SABBADO 15 DE NOVEMBRO DE 1879

Immortalidade da alma.

(Versão)

E' dever sagrado e social restaurar nas almas o dogma consolador e terrível da vida futura.

Estudemos a *immortalidade da alma*, ser que sente, pensa e obra em nós. A alma é e será sempre; não acha justiça na terra, mas encontrá-la-ha na eternidade: todo o genero humano proclama a immortalidade. Procuremos penetrarmos nos d'estes tres pontos.

Embora a vasta conspiração da impiedade, formada no ultimo seculo contra a ordem religiosa e social, renovada com furor em o nosso, diga em todas as linguas e a todos os povos: «A alma é uma chimera, a sua immortalidade uma insen-

satez, tudo acaba com o corpo», jámais logrará destruir uma alma; tanto valeria querer escalar o céu, arrancar os astros da aboboda do firmamento, ou apagar o sol que resplandece sobre nossas cabeças. A despeito de todos os seus ultrages e ócas declamações, os materialistas e ímpios antigos e modernos, se logram ephemerous triumphos, popularisando o suicidio e os crimes de todo genero, são impotentes para desnaturalisar a substancia da alma, a qual é e será sempre.

Emanada dos labios de Deus, que, ao infundil-a no corpo do homem, viu que era boa, *vidit quod esset bonum*, a origem divina da alma garante a sua immortalidade. Como S. Thomaz observa, «Deus creou para que fossem os seres e as substancias, as quaes permanecerão pela immobilitade da vontade divina». *Deus creavit res ut essent; substantia remanebit ex immobilitate divinæ voluntatis* (CONT. Gent., IV, 97). Não é o Deus dos mortos, senão o Deus dos vivos, que vive rodeado d'espiritos, testemunhas do seu poder e da sua gloria. Porisso a alma, que vive, viverá sempre.

Nem ainda os atomos do corpo mesmo, parte menos nobre do nosso ser, ao separarem-se da alma, se reduzem a nada ou aniquilam: é lei da criação que nenhum ser seja reduzido a nada; a qual reconhecem os philosophos, d'accordo com os naturalistas. Muda o cadaver de forma e toma outro nome, tornando-se amañã osso duro como a pedra. O sangue e os vapores misturam-se no immenso laboratorio cosmico, sem que nenhuma mo-

lecula imperceptível pereça no universo. Muito menos hade perecer a alma. Se o vestido só muda de cor e de forma; se os fragmentos do palacio duram sempre havia de ser aniquilada a sua regia moradora, a alma, simples, sem partes, sem figuras? Oh, não! Fôra absurdo pensal o: ainda depois que se desmanchem o céu, os astros, a terra, o universo, subsistirá a alma, cujo livre suspiro é mais grato ao Senhor do que todas as mechnicas harmonias do espaço.

Estudae a sua natureza em tranquilla e serena meditação. *Eu penso, sinto, quero, creio, digo, amo, aborreo.* Quem usa em mim esta linguagem? O corpo? Qualquer a quem pergunteis se os atomos que compõem o meu corpo são sabios ou loucos, se tem amizade entre si, se os redondos são mais lestos ou virtuosos que os quadrados, olhar-vos-ha com estranheza, persuadido de que o corpo não pôde conhecer, sentir nem querer, assim como de que a alma, contida n'elle, cõquanto distincta do corpo por suas faculdades e apreciações, é indivisível e infiguravel. Não é quadrada, nem redonda, nem branca, nem amarella, nem calida, nem fria, mas *simples*, indissolvel e immortal. Só se dissolve o composto, e na alma não ha causa natural de decomposição. E' a que diz *Eu* no homem. Ainda que distinctos entre si o corpo e a alma por sua natureza, assombra a harmonia das suas operações durante oitenta ou mais annos de vida. A medicina, que ao explicar a separação do corpo pela morte, falla do sangue que se ha detido,

dos orgãos essenciaes que se não alterado, da harmonia das forças vitales que se rompêra; nada sabe dizer-nos da alma, a qual voa livre e contente, como, ao partir-se a jaula, a ave prisioneira. Superior, além de distincta, a alma pensa no immutavel, no eterno, no divino, lançando-se com a sua razão para além do mundo. Concebe e sauda em sua invisível eternidade o Ser unico, a despeito dos sentidos, que não veem o invisível nem o material; pensa quando o corpo dorme; passeia as espheras luminosas povoadas de soes, e discorre com mais luzidez quando o corpo mais se debilita.

Na ordem da vontade, quando alguém, por exemplo, nos insulta e vos dá uma bofetada, a qual, com o sangue fervente e ebrio de ira o olhar ides vingar com um tiro, a alma brada: *delem te!* e subito a mão se suspende... O corpo é o servo, e a alma a senhora, que conduz o seu escravo a pontos que lhe repugnam; despreza suas debilidades, expõe-no ás luctas e aos perigos, apresenta-o aos verdugos e aos cadafalsos, tornando-se mais luminosa, mais livre, mais valente, mais senhora de si mesma, á medida que se dissolve a materia do corpo, qual ave cujas azas se abrem quando se lhes rompe as ligaduras. Pascal, moribundo, estampa no papel as suas ideias mais sublimes; Racine escreve a sua *Athalie*, obra prima do seu theatro, com a mão já trémula; Humboldt, enfermo, sem livros, dicta com serenidade luminosa as suas ultimas obras. *Trem, esqueleto! Se souberas aonde te conduzirei amanhã, tre-*

FOLHETIM

A MÃO DO MORTO

(TRADUÇÃO LIVRE).

VII

(Conclusão)

No dia seguinte, e quando se tratava de dar á sepultura o cadaver de Pedro, dous homens, trajando compridas vestes negras, se apresentaram á porta do pobre alvergue do ferreiro.

Mathias foi abrir..... Eram dous officiaes de justiça, que entraram sem saúdar e de chapens na cabeça.

«Olá, amigo! disse um d'elles para o pobre moço, cujo semblante decomposto, olhos encovados e arrazados de lagrimas teriam commovido um tigre; tendes uma tal prêssa de enterrar vosso pae, que dá assim ares de uma fraude! Esqueceste-vos de dar parte ao senhor recebedor dos direitos, e todavia são para elle sempre agradaveis estas participações. Felizmente que um personagem como Pedro não costuma fugir do mundo em segredo. Vimos pois lembrar-vos que o senhor Marquez, duque da Baixa Lorena e do Brabant, tem aqui certos direitos, que nós não podemos deixar de exercer.»

—Quaes são elles? perguntou Mathias, cujo coração fremia de indignação ao escutar esta linguagem insultuosamente chocarreira, que elle teria para logo castigado se o não impedira o respeito, que devia ás cinzas de seu pae.

—O direito de *mão-morta!*

Mathias, ouvindo isto, cahiu aniquilado sobre um tamborete; mas levantando-se logo, bradou com voz tremente:

—Vindes então exigir de mim que

córtre a mão direita de meu desgraçado pae para a apresentar ao duque?

—E' como dizes. Todavia podeis dispensar-vos d'isso entregando-nos o objecto mais precioso do seu espolio... Mas pelo que vejo não tendes aqui cousa que valha um ceutil, e é forçoso collocar o velho na posição de não poder saudar S. Pedro senão com a mão esquerda, o que muito o hade embarçar... Porém espêra.... Eu vejo além, entre aquelle Christo e aquelle ramo de buxo bento um anel.... e é de ouro!... E' o que nos basta.

Mathias precipitou-se logo sobre o anel, derribando quanto encontrou diante de si. Depois, tomado de um delirio febril, lançou mão de um machado, que estava mettido na parede junto da chaminé, e se dirigiu para a alcova, onde repousava o cadaver de seu pae. Levantou o lençol, que o cobria, pegou-lhe na mão direita, que beijou ardentemente, e depois cortou-a de um só golpe, ao passo que sua mãe e suas irmãs, até alli mudas, soltavam um grito de horror e espanto!

«Agora, disse elle, com um sorriso medonho, aos officiaes de justiça, levae-me ao duque para que eu lhe pague o meu tributo e me desquite do direito de mão-morta.»

Chegando junto do duque, Mathias o encontrou praticando com o monge Hirsring, a quem havia feito chamar á sua presença para lhe manifestar a sua admiração e sympathia.

«Meu senhor, disse Mathias com voz tremente, meu pae Pedro o ferreiro morreu hontem á noite, mais de miseria do que de annos. Os vossos homens foram logo a minha casa para cobrarem alli o direito de mão-morta. Eu tinha a escolher de duas cousas uma: ou entregar este anel, ou mutilar meu pae. Preferi este ultimo partido, e vou dizer-vos porque. No anno

de 1202, em dia da Assumpção, n'esta mesma cidade de Anvers, um homem do povo salvou por duas vezes a vida de um alto e poderoso principe. O homem do povo era meu pae; o principe era o vosso, o duque Henrique I. Elle quiz criar cavalleiro o seu salvador; este recusou; mas como a sua dedicação lhe produsira cruéis feridas, accitou uma pensão modica, que assim mesmo lhe foi retirada no começo do vosso governo. Todavia vosso pae não quizera morrer sem lhe dar um outro penhor da sua gratidão, e enviou-lhe de Colonia este anel, que eu jurei conservar até ao meu ultimo suspiro. Pobre e miseravel obreiro, eu não possuia objecto assás precioso, que podesse offerecer-vos para remir a servidão, que exigis de vossos vassallos. Restava-me unicamente o anel.... Para guardar o meu juramento mutilé o cadaver do autor dos meus dias.... Eis a sua mão direita, que vosso pae apertou outr'ora bastantes vezes com a sua. Abi podereis ver ainda as cicatrizes das feridas, que recebeu combatendo para o arrancar a uma morte certa....»

E Mathias, voltando o rosto, depóz a mão de seu pae aos pés do duque, consoante era de uso.

Henrique II levantou-se profundamente commovido.

«Quanto são desgraçados os principes —exclamou elle—em terem de recorrer a intermediarios, que não contentes de enganar seus amos, ainda os fazem responsaveis, aos olhos de seus vassallos, pelas velhacarias que commettem!... Honrado moço, proseguiu o duque, não pensemos mais no passado. Dõe-me assás a lembrança de que vosso pae morreria accusando-me talvez de ingrato, quando é certo que eu tinha encarregado um dos meus officiaes de velar attentamente pela sua sorte.... Elle será punido pela sua infidelidade; mas eu devo-vos ainda outra

reparação. Fallae; que eu me comprometto antecipadamente a conceder-vos a mercê, que me pedirdes.»

O frade, que não havia cessado de contemplar Mathias com tanta piedade como admiração, adiantou-se então, e com voz forte dirigiu estas palavras ao duque:

—Eu leio na alma d'este moço. Elle vae pedir-vos que liberteis seus irmãos d'este odioso direito, que aqui o traz, e do qual só Satanaz podia ser inventor no seu odio á humanidade.

—Prevenistes a minha tenção, meu padre, disse Mathias inclinando-se respeitosaente diante do apostolo.

Henrique II, sem mais deliberar, fez vir alli o seu chanceller, a quem logo dictou uma carta pela qual declarava o direito de *mão morta* abolido em todos os seus Estados, e prohibia aos seus descendentes e successores de jámais o restabelecerem. O documento foi immediatamente assignado e sellado por elle com o sello real.

«E agora, disse Henrique dirigindo-se a Mathias, ainda falta alguma cousa. Vós sois ferreiro; e eu vos encarrego a direcção de uma vasta officina, que determino de crear para o fabrico de espadas, lanças e outras armas, destinadas ás nossas tropas, porque o melhor meio de não entrar em guerra com os nossos vizinhos, é mostrar-lhes que estou sempre aparelhado para lhes resistir.»

—Obrigado, senhor, obrigado, exclamou Mathias no cumulo do regosijo. Agradeço-vos o haverdes comprehendido este vosso subdito. Aceito o trabalho como houvera regeitado a esmóla...

No dia seguinte, logo de manhã, um arauto proclamava nos lugares mais publicos das cidades e aldeas do ducado de Brabant e do marquesado de Anvers a abolição definitiva e perpetua do direito de *mão-morta*.

M. de La Garde.

merias ainda mais, dizia Turena fallando ao seu corpo em vespuras d'uma batalha: a historia exalta o conde de Fuentes, que, enfermo, se faz transportar n'uma cadeira ao campo de batalha, á frente da sua brava infantaria hespanhola, e a humanidade venerava sempre os martyres que cantavam nos póiros ou nas grelhas. E quereis que seja mortal essa alma, halito simplicissimo de Deus, tão superior ao corpo, quando são immortaes os átomos que compõem o mesmo corpo? Não: Deus creou a minha alma, e ella viverá; soi immortal; aqui a prisão, acolá a liberdade.

(Continua)

Temos malhado, e estamos malhando em ferro frio, bem o sabemos; mas nem porisso largaremos o malho da mão, nem deixaremos de malhar, porque á força de malho e ferro hade ir aquecendo e estendendo a pouca e pouca, assim como a gotta d'agua, que cae incessantemente na pedra acaba por gastal-a no fim de tempos, como bem cantou o poeta: *gutta cavat lapidem, consumitur annulus ura.*

Odeio a Revolução, não por outro motivo senão porque extinguiu os frades para os substituir por soldados, que são a maior praga social—*abstrulio panis, et vini, et sexi fememinae, aliquandoque masculini.* Odeio a Revolução, não por ter destruído o antigo regimen, em que havia abusos; e sim porque deschristianizou a sociedade portugueza, pondo fóra da lei o Homem Deus, tendo a louca pertença de constituir a sociedade sobre uma base puramente humana.

Não odiamos o liberalismo pela preferencia que elle dá a uma ou outra forma politica; e sim pela sua disposição a transigrir sobre os direitos soberanos de Deus, e a aceitar como coisa essencialmente boa e justa, o estado de revolta permanente em que as nações se tem posto contra o seu divino Chefe.

O que nós queremos é o restabelecimento no seio de todas as nações, seja qual fór a sua forma politica da soberania moral do *Homem Deus*. Eis aqui o nosso empenho.

Sim, porque afastada a lei divina, não resta na lei humana senão o arbitrio e a violencia, que são os factores da barbarie. O beneplacito de uma maioria que se apossa do poder legislativo, converte o bem em mal, e o justo em injusto. A espada do poder executivo fórça-nos á submissão, por mais que a consciencia repugne. E' este o governo dos liberaes promotores da civilização sem a doutrina da Igreja; e é exactamente o caminho por onde os fundadores do socialismo o sustentam. Dizem elles: que a legislação, segundo a concedem os liberaes, depende dos conceitos que o povo fórma no andamento e variedade dos tempos, a respeito da legitimidade e da moral.

E' esta a razão (dizem elles) porque quando uma plena transformação de novas ideias ha tido lugar em uma nação, o seu órgão legislativo tem pleno poder de abolir todas as instituições legais, e todos os titulos de posse sem ser obrigada a compensação alguma! Assim como um decreto do congresso dos Estados-Unidos pôde abolir a escravatura, ou como um decreto pôde no nosso paiz abolir as ordens religiosas, e a propriedade ecclesiastica; assim tambem pôde um decreto do poder legislativo abolir a propriedade particular, e o direito hereditario aonde, e quando os conceitos sobre estas ideias se mudarem com o correr das edades.

E não está para isto já aberto o caminho? Na legislação hypothecaria; e na fiscal sobre a mulher que herda do marido; sobre os collateraes que herdam uns dos outros pelo direito *in capita*, pela representação *in stirpes*, e pela prerogativa do grau, e sobre toda a industria, e sobre a propriedade material, cada vez mais onerada, e sujeita a sahir da mão de seu dono (qualquer que seja o seu valor real) para pagamento da contribuição respectiva?

Em que governo, e em que epoca do mundo se viu já um tecido de tantas iniquidades?

Não haja medo da força material, porque ella hade mudar de mãos: obtido o suffragio universal, a revolução social hade fazer-se por si mesma no sentido socialista; isto é, com toda a legalidade, com todas as benções da paz, destruidas todas as barreiras contra elle levantadas, até que se apresente com a cabeça desprehendida, e calcando socos de bronze!

Tal será a civilização dos povos que presistirem afastados da Igreja! Quem tem os olhos abertos, e vê os acontecimentos que se passam, conhece que vamos no caminho da perdição.

O homem tem dois fins neste mundo —dar honra e gloria a Deus, que o creou e o sustenta, e amar o proximo como a seu irmão, e filho do mesmo Pai: cumprindo esta missão o homem seria feliz na terra e por toda a eternidade no reino de Deus.

Ninguem pôde mostrar a falsidade d'estes principios, e aos incredulos sómente faremos uma pergunta: Que mal vos pôde resultar, que mal vos pôde vir de os acreditar se forem falsos, e como remediareis o mal eterno, se forem verdadeiros?!

E ha quem prefira o jogo, cuja pena será uma eternidade de tormentos, ao jogo em que nunca ha perda?

E' este o abysmo para onde o diabo impelle a humanidade: a Revolução é o peccado do primeiro homem, que só um diluvio de fogo e de sangue poderá destruir.

E' para este desgraçado desfecho que a Revolução trabalha com os olhos fechados de cegueira voluntaria, e é porisso que a odeio como contraria ao amor que tenho aos meus semelhantes.

José de Freitas Amorim Barboza.

GAZETILHA

Exames na Relação Ecclesiastica —Principiam na quarta-feira, sob presidencia de S. Exc.^a Revd.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, os exames para o concurso por provas publicas d'algumas egrejas da archidiocese.

O jury é composto dos surs. drs. Martins, Dias e Vaz.

Não é verdade.—Foi mal informado o nosso collega do «Diario do Minho» quando noticia que S. Exc.^a Revd.^{ma} mandára recolher a um templo a veneranda Effigie do Santissimo Rosto do Senhor, erecta á entrada da rua do Forno.

Podemos asseverar isto, porque assim o ouvimos a pessoa fidedigna.

Anniversario das Almas.—Começa amanhã de tarde e conclue na segunda-feira, o Anniversario das Almas em S. Vicente. A musica é da capella dos snrs. Luiz Baptista e Esmerizes.

Subscrição para o sr. Francisco Pereira d'Azevedo, aberta em casa do sr. Manoel José Vieira da Rocha.

Transporte	95,000
Ex. ^{mo} sr. Francisco de Meirelles	
Pereira Leite Teixeira Coelho	2,000
Manoel José de Miranda	500
Manoel Marques da Silva Pereira	3,200
Antonio José Pereira Campos	500
João Ferreira Torres	1,000
Um anonymo, abbade	1,500
Padre Francisco Martins Farinha	2,500
	105,700

Braga, 14 de novembro de 1879.

Manoel José Vieira da Rocha.

Confirmação.—O sr. bispo D. Thomaz recebeu a confirmação de coadjutor do arcebispo de Goa.

Fabrica de tabacos «Santa Apollonia».—Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio n.º 2693, em que se previnem os consumidores de rapé da fabrica *Santa Apollonia* a respeito d'uma contrafacção escandalosa n'aquelle artigo.

Missionario portuguez.—O ex.^o bispo de Macau, nomeou o revd.^o presbytero José Vicente da Costa, para exercer o ministerio de missionario na ilha chineza de Haynau, ultimamente annexada áquella diocese.

A nova edição das obras de S. Thomaz.—Escrive o nosso collega

O nosso Santo, Padre Leão XIII promove sabiamente uma nova edição das obras de S. Thomaz d'Aquino, como se deprehende da sua carta ao Ex.^{mo} Cardeal de Luca.

Um dos seus illustres predecessores, S. Pio V, já se occupou da celebre edição romana de Bladio, fazendo intervir n'ella doutissimos theologos. Todavia tal edição não se pôde considerar perfeita, já pela sua disposição, já por outros defeitos.

O padre Barbavara fez uma critica

observação a seu respeito, e o padre Rozei n'uma sua dissertação declara, que ella não está isempta de poucos defeitos.

Pelo que o nosso Santo Padre ordenou, que para esta nova edição fossem consultados os manuscritos de S. Thomaz.

Conservam-se alguns d'estes manuscritos na Italia.

Na provincia de Bergamo ha grandes fragmentos da Summa contra os gentios, da Postilla sobre Isaias e dos Commentarios sobre Boecio acerca da Trindade.

Na Real Bibliotheca de Napoles conserva-se um manuscrito inteiro do proprio punho de S. Thomaz, o qual contém os Commentarios do Santo Doutor sobre as duas obras de Dionysio, *do Nome de Deus e da Celeste Gerarchia*.

Achou-se na Bibliotheca do Vaticano outro código, assaz precioso, escripto por mão diversa, mas annotado pelo proprio S. Thomaz, o qual contém os sermões do Tempo e dos Santos. Diz-se que nos archivos secretos da Santa Sé se encontrou tambem o autographo da Cadeia de Ouro.

No Archivo Capitular da Brescia ha um código precioso que contém a Summa Theologia de S. Thomaz, e parece o mais antigo exemplar, e porisso o mais estimavel, visto faltar o autographo.

Muitos manuscritos estão na Bibliotheca Nacional de Paris e alguns no Archivo do Capitulo de Louvain.

Tudo isto, por impulso do nosso Santo Padre, será investigado e examinado, e a edição das obras de S. Thomaz será um nobre monumento do glorioso Pontificado de Leão XIII.

Aviso importante aos catholicos.—Lê-se na «Esperança»:

Já em tempos fallamos das indulgencias que o Santo Padre resolveu conceder aos fieis, no dia 8 do proximo mez de dezembro, para commemorar o vigesimo quinto anniversario da definição dogmatica da IMMACULADA CONCEIÇÃO DA SEMPRE VIRGEN MARIA, e bem assim das associações de catholicos que, em diferentes pontos do mundo christão, se tem reunido para celebrarem tão fausto dia com o mais luzido esplendor; agora, porém, vendo que o nosso eminentissimo prelado, em consequencia dos multiplicados negocios da diocese, ainda não fez ouvir a sua voz auctorizada, ousamos lembrar aos fieis, que o Santissimo Padre Leão XIII concedeu a todos os christãos d'um e outro sexo que, na proxima festividade da MÃE DE DEUS, SEM MACULA CONCEBIDA, os penitentes que se confessarem, commungarem e fizerem a visita a uma igreja ou capella publica, orando ahi devotamente, conforme a intenção do Santo Padre, INDULGENCIA PLENARIA, em qualquer dos dias da oitava, indulgencia applicavel ás almas do Purgatorio, como suffragio.

Os suffragios pelas Almas.—Um virtuoso bispo e grande servo de Deus viu em sonhos um menino pescando n'um profundissimo poço. A linha era de prata, e o anzol; com que tirava do poço uma mulher formosissima, era de ouro.

No dia seguinte indo o bispo para a igreja viu ajoelhado sobre uma sepultura, rezando, um menino em tudo parecido com o que tinha visto sonhando.

Dirigiu-se o bispo ao menino e perguntou-lhe:

—Que fazes ahi?

—Senhor, respondeu o menino, minha mãe está aqui enterrada; rezo por ella o *Miserere* e no fim o Padre Nosso.

N'esta resposta entendeu o bispo, pela luz do céo, que pelas orações do filho era já livre a mãe das penas do Purgatorio, e que este era symbolizado no poço, como a linha no *Miserere*, o anzol no Padre Nosso e a mãe do menino na formosa mulher que saia do poço.

Universidade de Coimbra.—Estão matriculados na faculdade de direito, 320 estudantes; na de theologia, 38; na de medicina, 56; na de mathematica, 103; e na de philosophia, 47.

Os diarios de Paris.—Algumas informações curiosas relativas á tiragem media e diaria dos jornaes de Paris durante o mez passado.

E' o «Rappel» de todas as folhas de grande formato o que leva a palma a todas; a sua tiragem é de 70:000 exemplares. Em seguida o «Figaro», 64:000; a «France», 40:600; a «Paz», 40:000; o «Tempe» 22:000; o «Nacional», a «Liberdade» e a «Marselheza», 17:000 cada um. O «Seculo XIX», folha rigidida por Sarcey e Ed. About, tiram 14:000 exemplares. A «Republica Franceza», 11:000 exemplares. Depois da folha da Chaussée

d'Antin, seguem-se os «Debates» e o «Voltaire», 8:000 exemplares; o «Universo», 7:000; o «Gaulez», o «Paiz» e a «Patria», mais de 6:000.

A tiragem de «Petit Journal» mantem-se em vertiginosas alturas: 565:000 exemplares! A «Petite République», exemplares 181:000; a «Lanterna», 137:000; o «Petit-Moniteur», 100:000; o «Petit-National», 70:000; diversos outros inferiores a 50:000.

No seu conjunto, a imprensa pariziense de grande e pequeno formato, tomada em globo, tira diariamente mais d'um milhão e quinhentos mil exemplares.

Cartas com dinheiro.—Segundo a legislação vigente, as cartas com dinheiro que dão entrada no correio, sem serem registadas, são apprehendidas e o dinheiro confiscado para a fazenda.

Ha um anno lembrou a direcção geral do correio esta disposição, em editaes affixados em todas as freguezias e o numero de cartas com dinheiro diminuiu consideravelmente nas repartições postaes; mas nos ultimos mezes tornou a apparecer alli um grande numero de objectos d'essa natureza, que representam um valor de cerca de 200,000 reis.

E' um bom serviço prestado ao publico lembrar-lhe que em virtude da legislação vigente as cartas com dinheiro que não forem registadas são confiscadas para a fazenda nacional.

Salvação e perversidade.—Lê-se n'uma folha de Valença:

«Uma grande desgraça esteve para succeder no rio Minho no dia 6 do corrente.

Quando, na manhã de quinta feira ultima, o barco da passagem do ponto de Ganfey, d'este concelho, atravessava para a Galliza conduzindo a seu bordo dez passageiros, e dois barqueiros, Bento Duque e seu filho Manoel, começaram a metter agua e ter-se-hia submergido se não fosse a ligeireza do filho do barqueiro Duque, que poude conseguir o fazel-o atracar á margem hespanhola, apesar das ameaças dos carabineiros que, não obstante conhecerem o imminente perigo em que estavam tanto os passageiros como os proprios barqueiros e ouvirem os gritos do soccorro, que pediam, teimavam em não deixar abordar o barco, por ser fóra do ponto.

Felizmente conseguiu-se salvar a gente quasi por milagre, porque tres minutos de demora daria em resultado a morte de doze pessoas, victimas não só do mau estado do barco, mas tambem da maldade dos carabineiros, que estavam pertinazes em não quererem deixar chegar o barco á margem.

Ainda o barco ia no meio do rio, e já os passageiros começaram a pedir soccorro por conhecerem o perigo em que estavam. Um barco da freguezia de S. Mamede que estava proximo, quiz acudir-lhes, porém os carabineiros não deixaram, ameaçando os barqueiros que lhes fariam fogo. Este facto revela grande perversidade e os empregados que o praticaram merecem um severo castigo».

Portuguezes fallecidos.—Desde 10 a 20 de outubro, falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Manoel Duarte Cudeira de Paiva, 23 annos solteiro; José da Silva, 25, s.; Bernardino Francisco Pereira, 30 casado; Antonio Fernandes, 59, c.; José Soares de Avila Junior, 53, c.; Manoel da Rosa da Silveira, 58, c.; Felix Pereira de Amorim, 50, s.; Joaquim José de Sequeira Salgado, 42, s.; José Gonçalves, 28, s.; Joaquim Teixeira Alves, 23, s.; José dos Santos Maia, 44, s.; José Valente Bastos, 40, s.; Antonio Pedro Teixeira, 43, s.; Antonio da Silva, 38, s.; Bernardino Pinto da Cruz, 33, s.; Domingos José da Costa, 44, c.; José Rodrigues Marques, 24, s.; Manoel José Pereira, 35, s.; Jacintha Cabral de Mello, 46, v.; Joaquina Emilia Bittencourt, 56, s.; Firmino Augusto Pereira Fazenda, 19, s.; Joaquim da Silva, 32, s.; Maria Ignacia, 50, s.; Antonio Vieira d'Assis, 55, c.; João Pereira Goulart, 50, c.; João José d'Oliveira Junior, 38, s.; Anna Clara do Sacramento Oliveira, 56, c.; Maria José de Sousa, 40, s.; Domingos Antonio Fernandes, 64, s.; Antonio Ferreira Bessa, 34, v.; Antonio Mendes Cardoso, 23, s.; Firmino Fernandes da Silva, 31, s.; Maria Amelia da Silva, 22, s.; Seraphina Mendes de Vasconcellos, 37, s.; Antonio Sandovil, 38, s.; Joaquim José Ribeiro, 57, v.; Manoel Gomes de Paiva, 32, s.; José Marques, 29, s.; Antonio Duarte Fontes Ferreira, 47, s.; Ricardo José de Amorim Vianna, 62, s.; Carlos Ayres de Carvalho, 30, s.

Movimento no canal de Suez.—As receitas d'este canal no mez de outubro d'este anno mostram a estagnação em que se acha o commercio com o Oriente. Subiram estas receitas no indicado mez a cerca de 394 contos, isto é, menos 92 contos que no anno anterior, e menos tambem que em 1877.

O numero de navios desceu a 101, tendo sido de 133, e 123 nos mezes correspondentes dos dois annos precedentes.

O rendimento desde o 1.º de janeiro foi de 4:377 contos, procelentes de 1:223 navios em 1879. De 4:691 contos, producto de 1:340 navios em 1878. De 4:912 contos, pagos por 1:381 em 1877.

A collagem das estampilhas.—Lê-se na «Encyclopedia moral», de Emilio Loubens:

«Nunca será de mais recommendar ás pessoas novas, amigas de colleccionar estampilhas, de não levarem ás bocca as estampilhas usadas, impregnadas de saliva de uma creatura desconhecida, e cuja bocca póde ser das mais doentes. Uma estampilha, posta a remolhar durante alguns minutos em agua pura, tem tudo a ganhar com essa lavagem; o papel do envelope que adere a ella cae por si, e não se corre risco de a rasgar.

«Sempre que haja a applicar uma estampilha, não deve nunca ser levada á bocca. E' mais sensato molhar a ponta de um dedo e com elle humedecer a colla. Além d'isto, para pegar ou fechar os subscriptos preparados, deve-se evitar levar o aos labios ou á lingua.

Sulfatagem dos cereaes.—Estamos entrados na epocha das sementeiras; convém portanto fallar da preparação da semente, para evitar a alforra no trigo. Póde-se n'esta operação substituir o sulfato de cobre pelo acido sulfurico. Em uma dorna, ou casco desfundado, deita-se um hectolitro 6 cantaros d'agua e 3/4 de litro d'acido sulfurico. Mistura-se-lhes ao depois o trigo, remexendo-o com uma pá de pau. Passa-se em seguida o trigo para dentro de um cesto vindimo, ou canastra, e deixa-se escorrer. Espalha-se o grão escorrido, e, algumas horas depois, póde-se semear.

Este processo é muito economico, e permite regeitar o grão leve que vem á superficie da agua, que é chocho, e que em grande parte contém semente da carie. E' necessario haver o cuidado de usar de utensilios de madeira para a manutenção do acido sulfurico.

O acido sulfurico póde tambem ser empregado na destruição da fiadeira (cuscuta), na proporção de um litro por 50 litros d'agua. Rega-se com esta a superficie insada. Não ignoram os praticos que a fiadeira dá se muito a conhecer nas outonadas da luserna.

Influencia do estado habitual da atmosphera sobre a temperatura da terra.—E' ponto averiguado que um raio do sol vertical, antes de chegar ao nivel do mar, perde na atmosphera, perfeitamente limpa, mais da terça parte da sua força. Qualquer raio obliquo perde tanto mais, quanto maior fór a obliquidade.

Este calor absorvido pela atmosphera, embora influa na temperatura geral, tem um effeito mais pronunciado nas camadas superiores da atmosphera.

Se o céu estiver toldado por nevoeiros ou nuvens, o effeito dos raios solares sobre a terra é muito menor.

Na atmosphera enevoadá, o principal effeito do calor solar consiste em aquecer a e desfazer as nuvens.

Por isto se vê que a temperatura de qualquer parte da terra deve depender consideravelmente do estado habitual da atmosphera. Os ventos rinautes são causa modificadora tambem das temperaturas locais.

Sinistros maritimos.—A direcção do «Bureau Veritas francez» acaba de publicar a estatística seguinte, dos sinistros maritimos occorridos durante o mez de setembro de 1879, com respeito a todos os paizes:

Navios de véla que se dão por perdidos, 118; sendo 34 inglezes, 15 americanos, 10 francezes, 8 hollandezes, 7 allemães, 5 italianos, 5 da republica de Nicaragua, 5 suecos, 3 chilenos, 3 russos, 2 austriacos, 2 portuguezes, 1 brasileiro, 1 da republica de Costa Rica, 1 da republica de Nova Granada, e 3 de bandeiras desconhecidas.

N'este numero comprehendem-se 8 navios suppostos perdidos, em consequencia de não haver noticia d'elles.

Navios a vapor que se dão por per-

didados, 6; sendo 5 inglezes, e 1 francez.

Dois victimas.—Estavam na Min-sella carregando um tiro de polvora os operarios do caminho de ferro da Beira, pertencentes á nona secção. Dado o tiro tratavam de afastar as pedras que foram separadas pela explosão, quando uma d'estas, desabando, arrasta na sua queda dois desgraçados trabalhadores, levando-os consigo ao longo de uma grande encosta. Quando a grande pedra parou da sua carreira desordenada, tinha feito cadaver os dois infelizes operarios. Ninguem se lembrará decerto quando se inaugurar a nossa primeira linha ferrea, quantas victimas pagaram com a vida este grande progresso internacional! Com effeito é já longa a relação dos desastres occorridos durante a construção d'esta via, e talvez que de um grande numero seja causa a phrase ignorante dos nossos operarios: «o não tem duvida.»

As almas bemfazejas.—Pede-se por caridade uma esmola para o infeliz José Maria, morador defronte da capella de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 3, empregado que foi no Seminario de S. Caetano, e hoje se acha paralitico sem poder articular palavra, e impossibilitado de todo o trabalho.

As almas caritativas.—Recomendamos e muito ás pessoas caritativas a desventurada Maria José da Silva, moradora na rua dos Sapateiros, n.º 7. Vive em extrema penuria, e padece de doença incuravel.

A cavidade publica.—Muito recommendamos ás pessoas caridosas o infeliz Antonio Marques da Costa, morador na rua de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 4, 3.º andar, que se acha na maior necessidade e doente, vivendo só da caridade das pessoas que o soccorrem com alguma esmola.

APPELLO AOS CATHOLICOS

«A Associação de JESUS, MARIA E JOSÉ, erecta na cidade do Porto, com o fim de abrir escolas gratuitas para educação de meninos pobres, de ambos os sexos, vendo-se obrigada a deixar o edificio onde se acham funcionando, em Villa Nova de Gaya, as duas escolas, uma de meninos e outra de meninas, resolveu, em sessão de 14 de setembro do corrente anno de 1879, mandar construir uma casa apta para receber as duas mencionadas escolas.

Já lhe foi dado, para este fim, terreno por pessoa caritativa; mas fallecem-lhe meios pecuniarios para levar ao cabo obra tão util á humanidade.

A Associação confia muito nos sentimentos generosos dos snrs. associados e mais pessoas amantes da humanidade que a coadjuvarem de bom grado em uma empreza que tem por fim arrancar da ignorancia e do vicio a tantas creanças que, sendo bem educadas, podem vir a ser bons cidadãos e prestar relevantes serviços á sociedade».

A subscrição fica aberta na redacção d'este jornal.

ULTIMAS NOTICIAS

Lisboa 13—Na bolsa venderam-se: 22 titulos do Banco de Portugal a 550\$000 reis; 10 acções do Banco Lusitano a 68\$000; 6 obrigações da companhia das aguas a 86\$000; 10 a 86\$100; 6 do emprestimo feito á cidade de Lisboa a 90\$200; 20 dos caminhos de ferro do Minho e Douro a 90\$800; 12 contos em inscrições a 51,95; 8 a 52,05; 3 de coupons a 52.

A alfandega rendeu a quantia de reis 22:087\$655.

Paris 12—Telegrammas particulares dizem que as relações entre a Inglaterra e a Russia estão menos cordeas por causa da publicação da carta do czar demittindo Schouwaloff de embaixador em Londres.

Os jornaes russos julgam que o gabinete considera «casus belli» a occupação de pontos do mar negro pela Inglaterra. Nos circulos politicos espera-se algum acto vigoroso de Beaconsfield.

ANNUNCIOS

AVISO IMPORTANTE

Achando-se por cobrar tres quartas partes da contribuição directa municipal lançada pelo corrente semestre, a Camara faz saber, que serão aggravadas com a importancia do aviso e do juro da mora todas as collectas que no dia 30 do corrente mez não estiverem pagas.

Braga 15 de novembro de 1879.

O Presidente

J. J. Malheiro da Silva.

Banco Commercial de Braga em liquidação

3.º e ultimo rateio por saldo

A Commissão liquidataria d'este Banco convida por este meio todos os credores por promissorias a virem receber o restante de seus creditos até ao dia 20 do corrente mez, na certeza de que não vindo até aquelle dia, ficam sujeitos ao deposito de seus creditos, e não perceberão juros d'aquella data em diante.

Braga 13 de novembro de 1879.

A commissão liquidataria do Banco Commercial de Braga.

Manoel Duarte Goja.

João Luiz Pipa.

Francisco José d'Araujo

Antonio José Antunes Reis.

Manoel Antonio da S.ª Pereira Guimarães.

Albano da Silva.

Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito da comarca de Braga, e cartorio de Ribeiro, correm editos de 30 dias a citar todas as pessoas incertas e quaesquer credores e legatarios, desconhecidos e residentes fóra da comarca que porventura tenham algum direito á herança e expolio do finado Francisco Ignacio Peixoto, viuvo, morador que foi na rua do Anjo, freguezia de S. João do Souto d'esta cidade, para que no dito prazo o venham deduzir e allegar no inventario a que por tal fallecimento se anda procedendo por este mesmo juizo e cartorio do predito escrivão, sob pena de, á sua revelia, ser o mesmo julgado por sentença.

Braga 5 de novembro de 1879.

O escrivão

João Marcos d'Araujo Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

(2696) Adriano Carneiro de Sampaio.

Arrematação

A Meza da Confraria do SS. Sacramento da Sé, faz publico que no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, nos claustros da Sé, tem de se arrematar os foros e pensões vencidos no S. Miguel do corrente anno, pertencentes á mesma Confraria.

Braga 12 de novembro de 1879.

O Juiz

(2697) João Dias d'Araujo.

Arrematação

No proximo domingo, 23 do corrente pelas 10 horas da manhã, á porta da igreja do Populo, tem de se arrematadas as pensões que se pagam á Irmandade da SS. Trindade. (2698)

Arrematação de medidas

No proximo domingo, 16, ás 10 horas, terá lugar, á porta travessa da Sé, a arrematação das medidas pertencentes á confraria de Santa Luzia.

O secretario

(2694) Antonio Maria da Fonseca.

ALUGAM-SE

Os altos da casa da rua do Campo, n.º 22, com bons commodos para uma numerosa familia, agua encanada e bellas vista. Quem pretender dirija-se á mesma. (2557)

EDITAL

A Camara Municipal da Cidade e Concelho de Braga

Faz saber, que no dia 28 do corrente pelas 12 horas, no Paço do Concelho, se ha de arrematar a obra de reconstrução das ruas de S. Thiago e do Poço, sob a base de licitação de 240\$000 reis e conforme o projecto e orçamento existentes na Secretaria Municipal.

Braga 8 de novembro de 1879.—E eu Antonio Manoel Alves Costa, Escrivão da Camara o subscrevi.

O Presidente

Joaquim José Malheiro da Silva.

EDITAL

A Camara Municipal d'esta Cidade e Concelho de Braga

Faz saber, que no dia 28 do corrente pelas 11 horas da manhã, no Paço do Concelho, se ha de arrematar a obra de calcetaria, abertura de caixa, regularização, e cylindramento, para a grande reparação da estrada da Confeiteira á Ponte do Porto, Lanço da Confeiteira á Lage dos Ovos, sob a base de licitação de 362\$000 reis, e na conformidade do respectivo projecto, existentes na Secretaria municipal, e com as condições da portaria de 8 de março de 1861, na parte applicavel.

Braga 8 de novembro de 1879.—E eu Antonio Manoel Alves Costa, Escrivão da Camara o subscrevi.

O Presidente

Joaquim José Malheiro da Silva.

Medidas d'Apresentação

No proximo domingo, 16 do corrente mez, por volta de 10 horas da manhã, tem de ser arrematadas e entregues a quem mais der, as medidas que os foreiros são obrigados a pagar á confraria de N.ª Senhora d'Apresentação d'esta cidade, vencidas nos mezes de julho, agosto e setembro ultimos, o que por este meio se faz publico por deliberação da Meza.

Braga, 11 de novembro de 1879.

O Secretario da confraria

Manoel Bernardino da Cunha e Silva. (2692)

Venda d'uma formosa quinta

Vende-se por preço razoavel a denominada Quinta de Baixo, situada no logar do mesmo nome, freguezia de S. Torquato, concelho de Guimarães, pertencente a José Joaquim de Abreu Vieira.

Acha-se esta rica propriedade collocada no delicioso valle do Selho, junto da estrada de Guimarães, que parte para o mosteiro de S. Torquato, a distancia de 3 kilometros da referida cidade. Vende-se com todas as suas pertencas, a saber: agoa de rega, magnificos bravios, casas nobre e de caseiro, que se acham situadas no ponto mais elevado da Quinta, d'onde se avista um formosissimo horizonte. E' uma quinta sadia pela sua posição e d'um recreio inexplicavel pelas bellezas com que é adornada.

Recebem-se propostas de quem a quizer comprar em Braga, na rua de Santo Andre, casa n.º 13,—em S. Torquato, pódem-se dirigir os compradores ao exm.º snr. Antonio Ribeiro de Faria, da casa de Corruñella. O proprio caseiro da quinta está encarregado de a mostrar ás pessoas que a queiram vêr.

Declara-se, para segurança do comprador, que estão legalmente finalizadas todas as questões, que em tempo houve com esta propriedade. (2674)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noite na mesma caixa.

Vende-se roupas. Pede-se a todos os mutuarios que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgastar, senão serão vendidos.

